

4

A história na cristologia

Como vimos, a história de Jesus, de forma especial a sua ressurreição, abre nosso entendimento para percebermos a história humana como lugar onde Deus faz história. Na sua história de vida, Deus se autorevela. Deus assume em Jesus de Nazaré a nossa história humana, fazendo história conosco. As primeiras comunidades cristãs, com a Páscoa, percebem esta presença de Deus na história e releem a história humana a partir deste evento que mudou a história do mundo. Como as comunidades das origens, somos convidados a reler na nossa história a ação de Deus. Para tal, neste capítulo, buscaremos estudar como Bruno Forte mostra esta presença de Deus na história presente, passada e futura da humanidade. Partiremos da ação de Deus em Jesus no início e no fim da história da humanidade; veremos a possibilidade do encontro com o Ressuscitado em nosso presente e, por fim, verificaremos o comprometimento com a história que o encontro com o Ressuscitado suscita.

4.1

Criação e escatologia a partir da cristologia da história

Bruno Forte, ao tratar sobre o início, logo nos esclarece que a interrogação sobre este nunca é uma interrogação neutra, desprovida de uma situação concreta que a induz. Afirma que a pergunta sobre o início é uma questão histórica, uma vez que nasce da crise do presente, dos desdobramentos das relações históricas. Para ele, o que provoca a pergunta sobre o início são as imperfeições do mundo e da vida, a distância entre a experiência e a expectativa. Segundo ele, é a “cruz da história” que estimula o conhecimento, como se o homem procurasse conhecer o início para descobrir a origem dos males que o afetam e arrancar pela raiz estes males.¹ Esta pergunta não tem sua origem apenas na interrogação sobre o mal que aflige a pessoa que pergunta, mas trata-se de uma pergunta fruto da complexidade das relações que o ser humano tem com os outros e com a natureza. É uma pergunta que supera o âmbito individual, ou ainda do gênero humano

¹ O que tratamos a seguir encontramos de forma especial em FORTE. B., *Teologia da História*. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação, pp 205-220.

(antropológica): é bem mais ampla. Ela atinge também o ambiente em que o ser humano vive, ou seja, trata-se de uma “questão ecológica”. A pergunta sobre a origem humana, a crise de identidade pessoal que busca suas respostas na origem humana se associa à pergunta sobre a origem do cosmo, proveniente da crise ecológica.

A crise ecológica consiste na perturbação introduzida nos ritmos e equilíbrios naturais, decorrente do mau relacionamento do ser humano com a natureza. Esta crise é fruto da racionalidade instrumental, na qual a razão usa todas as coisas para seu interesse: a ciência e a técnica se realizam para o domínio da natureza. Bruno Forte apresenta a crise como a defasagem entre os “tempos históricos” marcados pelo avanço da tecnologia e os “tempos biológicos” que têm o seu curso próprio.² O ser humano, na aceleração dos tempos biológicos, provoca o deterioramento ambiental, a redução da possibilidade da vida humana e do próprio planeta.

É no meio desta crise que surge a pergunta sobre o início. O ser humano situado numa crise ambiental, em vista de melhores condições para sua existência, procura a raiz desta crise. Muitos apontam a sua causa na tradição judaico-cristã. Sua reflexão se pauta de forma especial em dois argumentos: o primeiro é que a tradição bíblica teria fundado uma ética de domínio de cunho antropocêntrico, baseando-se de forma especial em Gn 1,28 (“Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”). O segundo é que, com a pregação de um único Deus, esta mesma tradição teria desmistificado a natureza, retirando sua divindade, reduzindo-a a uma simples terra de conquista, abandonada à cobiça do ser humano. A acusação, no entanto, se mostra sem sentido por conta da fraqueza dos argumentos. O primeiro, ao focar somente em um versículo bíblico, perde a profundidade do texto sagrado que em nada quer apontar para uma dominação irresponsável do ser humano, mas ao contrário quer fundamentar a atitude de cuidado que este deve ter, uma vez que Deus colocou o ser humano no Jardim para o cultivar e guardar (Gn 2,15). O segundo também se apresenta incoerente na medida em que o único Deus, pregado pelos judeus e cristãos, não desmerece a obra da criação, ao contrário vê que é boa, e se relaciona com ela mantendo a devida distância (Gn 1).

² Cf. FORTE, B., *Teologia da História*. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. p 208.

A tradição judaico-cristã, desta forma, ao contrário de ser a raiz da crise, vem iluminar a bondade da criação impulsionando o ser humano para uma ética do cuidado e apresentando o início como lugar da revelação de Deus. Evento da irrupção do Totalmente Outro no mundo e na história, que oferece o sentido da vida e do mundo e que possibilita o comprometimento para com eles.³

O povo de Israel, a partir da experiência libertadora de Deus em sua história de opressão, reconheceu que o Deus da Aliança é também o Criador.⁴ Da mesma forma, com a ressurreição de Jesus, nos é possibilitado perceber que o Deus que se manifestou no evento pascal em uma unidade no amor, Pai, Filho e Espírito Santo, é o mesmo que atua no início da história.⁵ A ressurreição de Jesus faz com que os cristãos repensem, à luz do seu presente, o seu passado, inserido na história da salvação desde a origem do mundo até o seu futuro definitivo, a consumação. O evento da ressurreição, através do qual os cristãos têm a clareza do seu futuro, iluminou o passado, a profundidade do ato criador.

O Novo Testamento traz em si os dados bíblicos do Antigo. Afirma que tudo provém de Deus (cf. 1Cor 11,12; 1Tm 6,13; At 4,24; 14,15; 17,24), que tudo pertence a ele (cf. 1Cor 10,26; Rm 11,36) e que as coisas tiveram vida por meio de sua palavra (cf. Rm 4,17). No entanto apresenta uma peculiaridade: o dado da criação é reinterpretado a partir do evento pascal, ou seja, com a ressurreição de Jesus nos são reveladas, sem contudo esgotar, as profundezas ocultas da primeira criação. A ressurreição do Filho, enquanto história trinitária, é chave para compreender a criação como ação trinitária de Deus.⁶

É antes de tudo obra do Pai, fonte e princípio da vida. Como é a fonte do inesgotável amor entre as pessoas divinas, é também a de tudo o que existe. É aquele que, na sua liberdade e gratuidade, cria o ser humano e todo o universo por causa do seu imenso amor. É o seu amor que funda o mundo. Bruno Forte nos lembra que a contingência do mundo revela-nos a distância entre criatura e Criador. Esta contingência nos permite perceber o ato livre e gratuito de Deus ao criar, que não o faz por necessidade mas por decisão livre em comunicar o seu amor. Este ato livre é apresentado pela expressão “*ex nihilo*” referida à criação

³ FORTE, B., *Trindade para ateus*. pp. 13-16.

⁴ Sobre este assunto VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. pp. 135-138.

⁵ Cf. FORTE, B., *A Trindade como história*. p. 157.

⁶ Id., pp. 237-238.

que “está aí para dizer a ausência de qualquer pressuposto extrínseco ao ato criador”, seja a rejeição de qualquer espécie de necessidade em Deus ao criar, ou ainda, de modo positivo, a fórmula indica a “liberdade e a gratuidade absoluta do ato criador, o seu jorrar do puro Amor divino”.⁷

Na reinterpretação do ato criador com a ressurreição, se percebe ademais a presença de Cristo no ato criador, como mediador universal, centro e fim de toda a criação: “Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos” (1Cor 8,6). A criação não é vista somente como obra do Pai, mas também do Filho, único mediador (1Tm 2,5), princípio e fim de todas as coisas (Ap 21,6). O Filho é a mediação absoluta da relação de Deus com a criação. Tudo o que é criado é por meio dele e sem ele nada foi criado. Ele é o Mediador e o modelo de toda a criação (cf. Cl 1,15-20). Ele é o arquétipo de toda a criatura, no qual todas as criaturas ganham ser e existem (Hb 1,1-3). Nele todas as coisas encontram o seu cume, a sua realização última (Ef 1,3-10).

Bruno Forte, ao tratar da atuação do Filho no evento da criação, convida ainda a nos atermos na correspondência entre a geração, eterna, do Filho e a criação, no tempo, do mundo:

A processão do Amado em relação ao Amante é o modelo eterno da comunicação do ser e da vida à criatura: mas enquanto a primeira ocorre eternamente ‘ad intra’, isto é, no seio da vida divina, a segunda se realiza ‘ad extra’, onde essa expressão não é entendida em sentido espacial (em Deus não existe espaço nem tempo!), mas em sentido qualitativo, para indicar a infinita diferença que existe entre o Criador e a criatura⁸

Desta forma, o autor pretende realçar a diferença infinita entre o Criador e a criatura, quer mostrar a diferença entre a geração do Filho e a criação do mundo. O mundo criado não é de maneira alguma divino, mas tem sua origem no amor e na bondade de Deus que o chama à existência. Neste sentido, é enfocada, na relação de alteridade, a diferença entre as partes que se relacionam. Mas também, a partir de tal analogia, se abre o horizonte para percebermos a criação envolvida pelo mistério trinitário que na relação entre as pessoas divinas, se mostra tão amplo a ponto de abarcar toda a criação. Deus cria e envolve a criação na sua

⁷ FORTE, B., *Trindade para ateus*. pp. 19-20.

⁸ Id., pp. 158-159.

presença convidando-a a se relacionar com ele. A participação que caracteriza a criação neste seu relacionamento com Deus é a receptividade. E esta, que por sua vez, deu existência à obra da criação e que a mantém envolvida no mistério trinitário, é tida por Bruno Forte como análoga à geração do Filho pois

assim como o Filho é caracterizado na história eterna do amor pela receptividade, pelo seu ser puramente amor que acolhe, assim a criatura, que na processão do Filho tem o eterno modelo e fundamento de sua criação, é assinalada estruturalmente, de modo originário e incansável, pela receptividade do amor.⁹

O Filho é, para a criação, modelo de acolhida do amor de Deus. No seu puro e originário deixar-se amar pelo Pai, se fundamenta a bondade do ser de cada criatura. Assim como o Filho está voltado para o Pai para receber seu amor, assim também ela está voltada para a receptividade do amor divino que fundamenta a sua existência. A bondade da criação é vista na medida em que se percebe que tudo o que ela é e possui é acolhida do amor divino. É na receptividade do Filho que a criação pode ser compreendida como “existência acolhida” e através da qual ela percebe seu fundamento. Em Cristo, o “primogênito de toda a criatura” (cf. Cl 1,15) está a vocação de toda a criatura, criada “por ele” e pelo qual “tudo subsiste” (cf. Cl 1,16s) como vocação ao amor, existindo em Deus, como diverso dele:

O mundo criado tem o seu ‘lugar’ transcendente no próprio Deus, no processo de geração eterna do Filho, verdadeira condição divina para a possibilidade de existência do mundo, distinto de Deus, embora não separado dele e, pelo contrário, vivendo nele¹⁰.

Também se percebe, a partir da ressurreição, a presença do Espírito na criação. O Espírito Santo que deu nova condição ao Crucificado, que foi ressuscitado pelo Pai “segundo o Espírito de santidade” (cf. Rm 1,4). Ele é aquele que vivifica todas as coisas (Jo 6,63). É no Espírito que tudo é criado (cf. Gn 1,2) e mantém a sua existência (cf. Sl 104,29). Bruno Forte percebe na unidade realizada na Trindade pelo Espírito Santo, o fundamento para a unidade realizada entre nós e Deus. É o Espírito que nos une ao Pai, de modo semelhante como une o Filho ao Pai, permitindo a bondade das criaturas: “Ele é a garantia de tudo o que é criado pelo Amante na receptividade do Amado, é constitutivamente unido a eles no

⁹ FORTE, B., *A Trindade como história*. p. 159.

¹⁰ *Ibid.*, p. 242.

vínculo do amor.”¹¹ Nele temos a vocação de trilharmos uma vida realizada na unidade com Deus, marcada pela receptividade do amor. Nele também se encontra a liberdade (cf. 2Cor 3,17) e a possibilidade da recusa do amor de Deus. A criatura pode usar mal a liberdade, recusando o amor, recusando o Espírito por meio do qual lhe foi dada a liberdade.¹² Nesta possibilidade de uma liberdade usada de forma errônea, Bruno Forte enxerga o “sofrimento de Deus”, que no seu infinito amor dá a liberdade as suas criaturas aceitando o risco do amor, sofrendo ativamente.¹³

A ressurreição de Cristo permite, ainda, não só enxergamos a presença do Espírito na criação, mas também na nova criação: “Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós” (cf. Rm 8,11). Bruno Forte apresenta o Espírito como o “ponto de contato” entre Deus e o mundo, mediante Cristo e a humanidade nova que ele inaugurou.¹⁴ A nova criação em Cristo (cf. 2Cor 5,17; Gl 6,14-15; Cl 3,10) pela força do Espírito Santo, nos permite ver a atuação do Espírito na criação, sua habitação nela (cf. Rm 8,9.11; 1Cor 3,16; 2Tm 1,14) e, ao mesmo tempo, esta presença alimenta a esperança da criação de habitar em Deus (cf. Rm 8,19-26). Através dele, percebemos que toda a criação está voltada para a nova criação, uma vez que ela “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22) aguardando o dia em que Cristo, mediante o Espírito dará vida aos corpos mortais (cf. Rm 8,11).

Enfim, desta forma, podemos compreender que o mundo tem seu sentido na acolhida do amor de Deus que lhe revela sua condição em relação a Ele. Na história das origens, é possível perceber a presença das três pessoas divinas. Na história das origens, nos é apresentada, através da Ressurreição do Filho, a história de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo como um convite dirigido a nós para fazermos parte desta história. Através da Ressurreição de Cristo, nos é aberto também o horizonte do fim da história. Sob a luz da Ressurreição, a Igreja primitiva não somente releu o início mas também se abriu para o futuro da

¹¹ Ibid., p. 160.

¹² Cf. Ibid., p. 161.

¹³ Ibid., p. 161.

¹⁴ Ibid., p. 241.

história. “No evento da ressurreição do Humilhado, que o Pai realiza no Espírito, os fiéis veem traçado o destino da história e a universal vocação à glória da Trindade: a ‘história da história’ resplandece na Páscoa do Senhor!”¹⁵ Desta forma, Bruno Forte apresenta o futuro da história como futuro trinitário, um futuro que tem seu cume, sua consumação na glória da Trindade. Ele nos mostra que a origem e o fim da nossa história repousam na história do amor trinitário de Deus. Motiva-nos, neste sentido, para a alegre espera de caminharmos rumo à Trindade. Fundamenta a esperança do fim na ressurreição de Jesus que é a garantia de que o destino do mundo é a vitória sobre a morte pois “se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Cor 15,13). Na ressurreição de Cristo, se verifica que a morte não tem a última palavra. “Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais; a morte já não tem não tem poder sobre ele” (Rm 6,9). Ele assume uma nova condição de existência que se apresenta para nós como um novo futuro aberto. Sua ressurreição se apresenta como a nova condição para a qual todo gênero humano é convidado a participar: “Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram. Pois, assim, como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida.” (1Cor 15, 20.22). Cristo, com sua ressurreição, abre o futuro novo para a criação. A ressurreição de Cristo se mostra assim como o fundamento da vocação última do ser humano e do mundo, que é a vida eterna e não a morte.

A esperança na imortalidade, contudo, não se origina com a ressurreição de Cristo. Ela já é presente no Antigo Testamento (cf. Sb 3,1-7; 2Mc 12,43-46). Bruno Forte afirma que a novidade trazida com a ressurreição de Cristo é “o acento sobre a relação com o Senhor crucificado e ressuscitado” como podemos verificar no Novo Testamento, seja no diálogo entre Jesus e o bom ladrão (cf. Lc 23,42-43) seja através da certeza de Paulo de se encontrar com o Senhor ressuscitado depois da morte (cf. 2Cor 5,6-8; Fl 1,23).¹⁶ Trata-se do “estar com Cristo” que é a consumação do “estar com Cristo” vivido na totalidade da vida.¹⁷ Com a morte, vem à tona a opção fundamental que a pessoa fez durante o percurso de sua vida, acolhendo ou não a pessoa de Cristo. Da mesma forma que

¹⁵ FORTE, B., *Trindade para ateus*. p. 114.

¹⁶ *Ibid.*, p. 115.

¹⁷ *Ibid.*, p. 121.

com a criação, deslumbrada pelo evento pascal, pudemos perceber o início como início na Trindade, a presença de Cristo no fim da história nos abre o horizonte de vermos o fim como história trinitária. Em Cristo o Pai nos escolheu e por Ele fará com que todas as coisas alcancem a sua plenitude no Espírito (cf. Ef 1,3-14).

O futuro da história será, em primeiro lugar, história do Pai. Nele, de quem tudo teve o seu início, tudo terá o seu repouso.¹⁸ No Pai fonte de todas as coisas que existem, tudo repousará alcançando a sua realização última. Ele, que é o início da existência, é também aquele para o qual ela se destina. O Pai, fonte de toda a criação, levará todas as coisas a sua plenitude e a alegria será completa em toda a natureza (cf. Is 49,13). Será a vivência de “novos céus e nova terra” (cf. Ap 21,1), onde “o lobo e o cordeiro pastarão juntos” (cf. Is 65,17-25). Será a morada de Deus com os homens onde Deus habitará no mundo e onde os homens serão o seu povo e Deus será o seu Deus (cf. Ap 21,3). O Pai é quem dará todas as coisas ao Filho dando-lhe o poder de encabeçar a todas elas, fazendo com que o fim seja também história do Filho.

O futuro da história será, em segundo lugar, história do Filho. O Pai, fonte de toda criação, é fonte de amor no seu Filho. É acolhendo o Filho que o universo acolherá a glória final de Deus. Bruno Forte mostra que de modo análogo à acolhida e fidelidade do Filho à vontade do Pai, entregando-se a si mesmo por amor, o universo acolhendo o amor do Filho, será entregue nas mãos do Pai. Por isso, a hora da consumação será também a hora de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Cor 1,8), ocasião de sua vinda definitiva (cf. At 1,11; Mt 23,31ss). O futuro da história será “a eterna receptividade do amor”, a “alegria perfeita para aqueles que amaram, e poderá tornar-se tristeza para aqueles que, não tendo amado embora tendo sido eternamente amados, não estarão mais em condição de amar”.¹⁹

O futuro da história será, ainda, história do Espírito. No fim dos tempos, ele será derramado sobre toda carne (cf. At 2,16ss). Ele, que na Trindade une o Filho ao Pai, unirá para sempre a terra ao céu, o mundo à vida divina infinitamente transcendente. Bruno Forte apresenta o Espírito como Espírito de unidade entre Deus e o mundo e, ao mesmo tempo, aquele que possibilita a alteridade entre

¹⁸ Cf. FORTE, B., *A Trindade como história*. p. 201.

¹⁹ *Ibid.*, p. 201.

ambos não permitindo que haja uma dissolução da história em Deus ou de Deus na história, mas antes uma comunhão entre ambos sem confusão.²⁰

O futuro da história se apresenta, enfim, como história trinitária. Pois tudo aquilo que começou “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” findará na “glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”.²¹ Todo o universo repousará na glória da Trindade, origem e meta da história. Bruno Forte conclui que esta certeza do fim do universo no seio absolutamente transcendente da Trindade é possibilitada mediante o evento pascal. É ele que abre o horizonte do fim: “O evento pascal, história de Deus na história dos homens revela como a história dos homens esteja envolta na história trinitária de Deus.”²² O amor de Deus, que se apresentou no evento pascal de forma singular, revela que a história humana está envolvida no mistério trinitário, desde sua origem até o seu fim. Cristo é, enfim, aquele que está presente no início e no fim da história e que permite, por seu mistério pascal, encontrar o sentido da história humana. Refletir sobre a presença de Cristo no início e no fim da criação tem sua origem numa outra certeza que a motiva: a presença de Cristo na contemporaneidade de nossa existência.

4.2

A contemporaneidade de Cristo na história humana e eclesial

A confissão da presença de Cristo no começo da criação e no seu término se origina na experiência atual de Cristo. O ato de confessar a participação de Cristo no início e no fim da história humana parte do reconhecimento de Cristo no “hoje” de nossa história. Conhecer a Cristo significa experimentar, no hoje de nossa existência, a sua presença e alegrar-se com esta. Bruno Forte diz que “o verdadeiro conhecimento de Cristo é a experiência do bem que ele é para nós, e dos frutos de vida plena que, dele, glorificado pelo Pai, promanam para aqueles que o acolhem na audácia da fé.”²³ Com isso, Bruno Forte nos ensina que o

²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 202.

²¹ *Ibid.*, p. 202.

²² *Ibid.*, p. 203.

²³ *Id.*, *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 326.

conhecimento da pessoa de Cristo não é fruto de uma abstração intelectual, mas, de uma experiência com Ressuscitado, do bem que ele realiza em nós, na história pessoal daquele que se abre ao dom da fé. Trata-se de uma experiência com o Ressuscitado que se faz acessível no hoje de nossa existência, possibilitando não só um conhecimento a partir de uma teoria, mas de um encontro real com sua pessoa no hoje de nossa existência. Trata-se de uma experiência subjetiva, ou seja, que não é imposta teoricamente de fora para dentro, mas uma experiência que o ser humano faz no encontro com a pessoa de Jesus Cristo, saboreando a sua presença benéfica.²⁴

Bruno Forte afirma que este encontro com o Ressuscitado em nossa história atual é possível através do Espírito Santo, pautando-se na experiência das comunidades das origens.²⁵ Segundo ele, elas testemunham que é pela presença do Espírito que nos é possibilitada perceber a contemporaneidade de Cristo. Elas afirmam que Aquele que recebeu o Espírito está “vivo no Espírito” (1Pd 3,18) e, “exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou” (At 2,33). Este Espírito derramado é o Espírito de Cristo (cf. Rm 8,9; Fl 1,19), o Espírito do Filho (cf. Gl 4,6). Em certa passagem esta relação mostra-se tão íntima a ponto de afirmar: “O Senhor é Espírito” (2Cor 3,17). É o Espírito que nos lança em direção a Cristo nos garantindo também o mesmo destino de Jesus: “Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós” (cf. Rm 8,11). É mediante o Espírito que nos tornamos filhos de Deus: “Todos os que são

²⁴ A Conferência Latino-Americana de Aparecida fez um grande trabalho neste sentido mostrando que a fé cristã não é fruto de uma abstração, mas de um encontro vital com o Ressuscitado. O Documento final mostra que é deste encontro vital com o Ressuscitado que nascem a fé e a alegria de ser discípulo, que por sua vez devem ser contagiantes ao ponto de fazer com que mais pessoas possam fazer a mesma experiência. Significativo neste sentido apresenta-se o n. 29 do mesmo documento: “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.” (DA 29). Ainda neste sentido, são de grande valor as palavras do Papa Bento XVI na encíclica *Deus caritas est*: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (BENTO XVI, papa. Carta encíclica *Deus caritas est*, n. 12). Através desta perspectiva podemos perceber a urgência de possibilitarmos aos homens e mulheres de hoje a fazerem esta experiência com o Senhor ressuscitado que lhes abre uma nova perspectiva de vida, sendo eles não-batizados ou até mesmo batizados.

²⁵ Sobre o que se segue: FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 327ss.

conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14). Ele faz do nosso corpo sua morada (cf. 1Cor 3,16; 6,19; Rm 8,9) e age na Igreja inteira (At 2; 9,31; 20,28) fazendo dela o Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,12-13).

A partir desta fundamentação bíblica, Bruno Forte nos apresenta que, ao lado de uma cristologia do Espírito, que vê Jesus como aquele guiado pelo Espírito, completando-a, deve caminhar uma “cristologia do Verbo”, cristologia que, segundo ele, tem como função principal atualizar no tempo a obra de Cristo.²⁶ Através dela vemos o Espírito como aquele que une o passado ao presente, atualizando em nosso presente a revelação realizada em Jesus Cristo.²⁷ É através do Espírito que nos encontramos com Jesus, percebendo a atuação dele na nossa história. É no Espírito Santo que o presente, o passado e o futuro ganham sentido em Cristo Jesus. É no Espírito Santo que acolhemos a salvação realizada em Jesus, nos abrindo a gratuidade do amor: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

O Espírito, neste sentido, abre-nos a graça de Cristo, possibilitando-nos acolher no “hoje” de nossa existência a salvação realizada em Jesus Cristo. Ele “estende a toda hora do tempo a possibilidade, humanamente ‘impossível’, que a graça do Pai abriu para o homem com a obra e o destino de Jesus Cristo”.²⁸ Desta forma, aquela salvação realizada em determinado tempo histórico não fica obsoleta, mas, ao contrário, se refere a todos os tempos uma vez que todos os homens e mulheres por meio do Espírito, têm a possibilidade de, no seu tempo histórico, acolherem esta salvação. Por meio do Espírito, presente, passado e futuro encontram o seu verdadeiro sentido:

No Senhor Jesus, representado pelo Espírito, o Pai toma posição: face ao passado do pecador, perdando-o; diante do seu presente, unindo-o a si no dom de sua vida; e com relação ao seu futuro, prometendo-lhe a vida eterna e empenhando-se em construí-la junto com ele.²⁹

²⁶ Cf. FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 328.

²⁷ Para esta reflexão o autor se apóia em MÜHLEN, Heribert. O evento Cristo como obra do Espírito Santo In FEINER, J. ; LÖHRER, M, (ed). **Mysterium Salutis**. Vol III/8. *O evento Cristo*. O evento Cristo como obra do Espírito Santo. Mühlen apresenta o Espírito como aquele pelo qual entramos em relação com Cristo: “com Cristo não entramos em relação a não ser por intermédio de seu Espírito, de modo que a experiência do Espírito (a experiência da mediação que se medeia a si própria) é, não formalmente, mas materialmente, experiência de Cristo.” (p. 7). Segundo o autor o Espírito é a “própria imeiaticidade de nossa relação pessoal com Cristo” (p. 16).

²⁸ FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 330.

²⁹ *Ibid.*, p 330.

É mediante o Espírito Santo que a pessoa adere à presença de Jesus, que veio trazer a salvação do Pai, na sua existência. Bruno Forte nos ensina que a contemporaneidade de Cristo na nossa história, que nos permite perceber a ação de Cristo e acolhermos sua salvação em nossa história, é possível somente pelo Espírito Santo. É ele que permite que a fé cristã não seja uma mera recordação do passado, de uma história de vida exemplar, mas nos possibilita entrar em relação com o Sujeito desta história, acolhendo sua salvação por meio de uma experiência pessoal: “Sem o Espírito, a fé não seria mais do que uma piedosa recordação: Pelo Espírito ela é a experiência do Vivente, capaz de mudar a vida do homem no seu presente concreto”³⁰. A experiência do Espírito possibilita o encontro da pessoa com Jesus Cristo, encontro que faz dela uma nova criatura, que dá sentido a sua história e que lhe abre um novo horizonte a ser vivenciado. Através do Espírito, a presença de Cristo se torna contemporânea e disponível a novas experiências. É ele que permite que o acontecimento da Páscoa tenha a sua força em nossos dias, transformando a história daqueles que se encontram com o Senhor.

Uma vez que temos claro que a presença de Cristo não está somente disponível em determinado tempo histórico, mas que o transcende, cabe-nos averiguar como o autor apresenta a possibilidade de, em nosso tempo presente nos encontrarmos com o Vivente e quais os caminhos que ele apresenta para tal experiência.³¹

Um primeiro caminho que Bruno Forte apresenta é a Palavra de Deus na transmissão viva da Igreja. Ela é força, dinamismo, ação que vai ao encontro do coração dos homens e mulheres produzindo aquilo que diz (cf. Sl 33,9; Sb 9,1. Is 55,10s). Ela é viva e eficaz (cf. Hb 4,12). É Palavra de salvação (At 13,26), é o próprio Deus que vem a nós nos dirigindo sua palavra: “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória” (Jo 1,14). Jesus é a Palavra de Deus que veio ao nosso encontro. Ele é “aquele que Deus enviou (que) fala as palavras de Deus pois ele dá o Espírito sem medida” (Jo 3,34) e que comunica a vida plena

³⁰ Ibid., p 332.

³¹ Sobre o que se segue ver em FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. pp. 336-350.

aos homens (Jo 10,10). Esta Palavra de Deus se faz hoje acessível graças à transmissão viva da Igreja. Ela é a guardiã deste tesouro e a facilitadora para que a Palavra chegue aos corações dos homens e mulheres. Através da Palavra na Igreja é que somos convidados a fazer a experiência de fé em Jesus (cf. Rm 10,17). Ela faz ressoar hoje a voz de Jesus que convida ao seu seguimento. Escutar a Palavra na Igreja é escutar o próprio Cristo, assim como desprezá-la é desprezar a presença dele mesmo (cf. Lc 10,16), fazendo-se inimigo da cruz de Cristo (Fl 3,18). É através da Palavra, transmitida de modo eficaz na Tradição da Igreja que o Ressuscitado se torna contemporâneo a nós, subvertendo e salvando nossas vidas. A Tradição faz com que a Palavra de Deus possa ser por nós compreendida, de modo que Cristo possa, por meio dela, falar hoje aos nossos corações:

Esta mesma Tradição mostra à Igreja quais são exatamente todos os Livros Sagrados [o cânone da Bíblia] e faz compreender mais profundamente, na Igreja, esta mesma Sagrada Escritura e torna-a operante sem cessar. Assim Deus, que outrora falou, continua sempre a falar com a Esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo, pelo qual ressoa a voz viva do Evangelho na Igreja, e por ela, no mundo, introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (cf. Cl 3,16). (DV 8)

Por meio da Tradição eclesial, a Palavra de Deus se torna possível de ser compreendida e opera o encontro com Cristo na história presente. O Cristo, por meio de sua Palavra, continua hoje a falar com os seres humanos, convidando-os ao seu seguimento. Sua palavra é atual e capaz de produzir nos ouvintes uma resposta com poder de mudar suas vidas.

Um segundo caminho que o autor nos apresenta para percebermos a contemporaneidade de Cristo são os “sinais dos tempos”. Trata-se de, nos acontecimentos da história humana, perceber a presença e a voz do Ressuscitado ensinando o Caminho.

O próprio Jesus convida seus discípulos a estarem atentos aos “sinais dos tempos”:

Ao entardecer dizeis: Vai fazer bom tempo, porque o céu está avermelhado; e de manhã: Hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos, não podeis! (Mt 16,2)

Trata-se de um convite a, diante da ambiguidade dos acontecimentos históricos e mediante a um sério discernimento, podermos perceber a presença e a vontade de Deus que grita através dos fatos históricos. Este discernimento só poderá ser realizado, como apresenta Bruno Forte, mediante o confronto entre a vida e a Palavra, pois “não lerá o Evangelho na história quem não souber ler a história no Evangelho!”³² Esta sua afirmação é pautada nos documentos do Concílio Vaticano II que apontam a necessidade da inserção da Igreja no mundo, contribuindo para que, guiada pela luz da Palavra de Deus, possa interpretar os acontecimentos do mundo:

É dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. (GS 4)³³

Bruno Forte, em sintonia com aquilo que é apresentado no Concílio Vaticano II, apresenta a necessidade da integração fé e vida, apontando que a fé não se trata apenas do encontro futuro do ser humano com Cristo, mas também do encontro com ele que é realizado na história humana, na qual o Cristo se faz presente e acessível aos homens. Somos convidados a perceber esta presença de Cristo Caminho, Verdade e Vida nos acontecimentos da vida humana e nos dando a luz do Espírito Santo para bem discerni-los.

Este discernimento, conforme nos lembra Bruno Forte, necessita de muita cautela uma vez que não é isento do equívoco de cair em um “otimismo fácil, que abraça as propostas do tempo sem sujeitá-las ao crivo rigoroso do escândalo cristão”³⁴. Significa não divinizar os acontecimentos deste mundo e perceber que nem sempre são realizados segundo a vontade divina e, por isso, necessitados de

³² Ibid., p 337.

³³ Ver ainda *Apostolicam Actuositatem* 14 e *Presbyterorum ordinis* 9.

³⁴ FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 337.

transformação. Esta cautela permitirá analisar o tempo presente à luz do Evangelho sabendo, na transitoriedade do tempo presente, ter a coragem de dar “afirmações provisórias e críveis, sempre abertas à contestação de Deus”.³⁵ Com isto, a Igreja se coloca ao lado dos homens e mulheres, crentes ou não, procurando, através de um diálogo prudente e sincero discernir as atividades humanas e contribuir para a reta construção do mundo (cf. GS 21).

Um terceiro caminho para a atestação da contemporaneidade de Cristo está no testemunho do amor, tão necessário. “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36). Jesus se faz presente hoje no faminto, nos que têm sede, nos pobres, nos sofredores e marginalizados, nas crianças, nos últimos. Ele mesmo diz: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Os sofredores e excluídos refletem a presença de Cristo sofredor em nosso mundo: “Os pobres são, neste sentido, o rosto do Senhor, crucificado na história!”³⁶ Bruno Forte vê, ainda, a presença de Cristo não somente naqueles que estão sofrendo mas também a vê no próprio gesto de solidariedade: “Quem responde à fome e sede dos últimos com amor livre e libertador, torna-se ele mesmo o evangelho vivo, a Palavra escrita não sobre tábuas de pedra, mas na carne dos homens (cf. 2Cor 3,3). Quem é solidário para com aqueles que estão no caminho sofrendo com as dificuldades da vida se torna a presença de Cristo hoje (Lc 10,29-37).

A ação solidária se apresenta como até mais importante do que as próprias reflexões cristológicas: “Um só ato de solidariedade para com eles, uma só hora gasta com generosidade desinteressada no serviço às classes oprimidas revela mais a respeito de Cristo do que toda reflexão abstrata e sem amor.”³⁷ O testemunho de solidariedade mostra-se fundamental, neste sentido para a Cristologia. Esta terá seu valor se articulada com a vida, sendo solidária para com o povo excluído e marginalizado. A solidariedade, cuja importância o autor destaca, é o elemento fundamental que assegura o discipulado de Cristo: “Nisto

³⁵ Ibid., p 338.

³⁶ Ibid., p 338.

³⁷ Ibid., p 338.

reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). O amor de Cristo por nós, que precede a qualquer ação solidária de nossa parte, nos impele ao amor aos irmãos nos tornando capazes de amar (cf. 1Jo 4,7ss). Quem experimenta o amor de Deus na sua vida neste sentido recebe a força necessária para amar o irmão que está diante dele. Este amor há de ser, como nos lembra Bruno Forte, um amor concreto, amor a quem está ao nosso lado, pois

o amor universal, compreendido como amor abstrato pelos outros por amor a Deus, corre o risco de uma mentira: só quem ama concretamente o próximo que Deus colocou ao seu lado ama como Cristo nos amou e nos pediu que amássemos. Aquele que ama a “todos”, facilmente não ama ninguém; aquele que ama aos “seus” (o povo pobre e necessitado de amor ou rico de si e fechado ao amor, que constitui o seu mundo), torna-se também capaz de amar a “todos”.³⁸

O amor universal que se proclama no evangelho, portanto, não é um amor abstrato, mas um amor que reflete no amor ao próximo. O amor concreto, de forma especial àqueles excluídos, se apresenta como “um verdadeiro ‘sacramento’ do encontro com ele, lugar de revelação e salvação”.³⁹ Aqui o autor concorda com o teólogo brasileiro Leonardo Boff quando escreve: “sem o sacramento do irmão, ninguém pode salvar-se”.⁴⁰ O irmão que se apresenta diante de nós nos revela a transcendência; encontramos, através do irmão, o próprio Deus. A solidariedade, o amor para com o irmão que está diante de nós se apresenta como caminho para se encontrar a presença de Cristo em nossos dias.

Um outro caminho que podemos observar nos textos de Bruno Forte, através do qual podemos perceber a contemporaneidade de Cristo, é a Igreja. O Cristo, ressuscitado reina na sua Igreja. Seu Espírito permanece na comunidade eclesial (cf. At 2,4; 8,18.39; 9,31; 10,19.44; 11,12; 13,2; 16,7; 19,6; 20,23). A comunidade cristã se torna o “lugar” por excelência onde a salvação de Cristo é comunicada. Bruno Forte nos diz que a expressão “*Extra Ecclesiam nulla salus*” que levou muitos a certa intolerância religiosa, e ao mesmo tempo impulsionou a comunidade à missão, nos ajuda neste sentido a perceber a necessidade da Igreja, uma vez que “não há salvação fora da comunhão com o Espírito de Cristo, que

³⁸ Ibid., p 339.

³⁹ Ibid., p 339.

⁴⁰ BOFF, L., *Jesus Cristo Libertador*, p. 161.

constitui a essência do mistério da Igreja; mas não se exclui que a comunhão se realize por vias que não passam através da mediação eclesial visível”⁴¹, ou seja, significa perceber que a Igreja, embora unida a Cristo e manifestando a sua realidade, não é o Cristo e nem se identifica com o Reino de Cristo, mas é apenas o seu início, o reino presente “em mistério” (cf. LG 3).

A presença de Cristo se dá tanto na Igreja como também no mundo. No entanto, na Igreja os cristãos reconhecem esta presença (ao contrário dos demais) e participam de alguma forma do Reino de Cristo que vai se dar de modo pleno no futuro. A Igreja de Cristo fica assim convidada a se colocar no mundo como peregrina, aberta ao futuro de Deus que a ajudará a se colocar no mundo criticamente, “no anúncio do Reino que há de vir e no testemunho de um empenho de amor pelas classes oprimidas”⁴² lembrando a transitoriedade e a ambigüidade da ordem política. A Igreja, desta forma, manifesta o Cristo Profeta, que anuncia a vontade do Pai, denunciando todo o sistema que fere a vida humana (cf. At 3,22). A Igreja realizará, seja na sociedade, seja em si mesma, a presença de Cristo que veio não para servir mas para ser servido (cf. Mc 10,45), assumindo uma atitude de despojamento e serviço. Estará no mundo como o Cristo Pobre que por causa de nós se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Conduzida pelo Espírito, despojada e servidora, ela saberá valorizar a diversidade ministerial e carismática que possui (cf. 1Cor 12,4-7) reconhecendo a presença do próprio Cristo conduzindo-a (cf. Cl 1,18).

A Igreja, desta forma, se apresenta como o sacramento de Cristo no mundo. Ela “é o sacramento de Cristo, como Cristo é o sacramento de Deus”, “lugar visível da irrupção do dom de Deus no tempo”, “sinal e o instrumento privilegiado da obra de Espírito na história”⁴³. Por meio dela, o Cristo se manifesta e se torna acessível. Cristo, o sacramento do Pai, se faz acessível através de sua Igreja que é seu sacramento. A Igreja, por sua vez, através da economia sacramental, representa no tempo a este Jesus.

Bruno Forte apresenta na economia sacramental da Igreja a oportunidade do encontro vivificante com Cristo. Este encontro se torna possível desde o primeiro instante de vida humana até o seu término, passando pelos seus vários momentos,

⁴¹ FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 341.

⁴² *Ibid.*, p 342.

⁴³ *Id.*, *Introdução à fé*. p. 70.

seja de dor ou de alegria, das quedas ou nas conquistas. A sacramentalidade da Igreja se manifesta, de modo mais alto, na celebração eucarística. “Celebrando o memorial do Senhor, a Igreja se torna disponível à ação do Espírito, que torna presente, na diversidade dos tempos e dos lugares, o evento da salvação, objeto da boa-nova”⁴⁴. Através da celebração eucarística não só lembramos um ato passado, da última ceia de Jesus com seus apóstolos, mas atualizamos, na contemporaneidade, a presença de Cristo, aquele acontecimento dado no passado se torna contemporâneo da comunidade que o celebra através de uma força divina. A Eucaristia, cume para qual tende toda a ação da Igreja e fonte de onde emana toda sua força (SC 10), é o sacramento da unidade que nos une a Cristo e aos irmãos (UR 2). Ela celebra a entrega de Jesus pela qual ele reconciliou os homens com o Pai e entre si e nos deu a participação na vida divina. Na celebração eucarística, o Espírito torna presente o Cristo morto e ressuscitado; e não somente, mas também dá vida aos membros do Corpo eclesial⁴⁵. Por este sacramento, os fiéis são agregados em Cristo e entre si num laço de fraternidade, representado pelo próprio gesto de partilhar o pão e o cálice.⁴⁶ À eucaristia estão orientados o batismo e os demais sacramentos pelos quais os fiéis são associados ao mistério de Cristo e realizam nas suas diversas situações de vida o encontro com o Ressuscitado.⁴⁷

Se, para aqueles que têm fé, a economia sacramental se apresenta como “o lugar mais denso da contemporaneidade de Cristo” através do qual Ele se relaciona com os seus, há de se perceber outro lugar, mais anônimo, acessível a toda pessoa humana (inclusive àqueles que ignoram o Ressuscitado), no qual o Ressuscitado se oferece, que é a história dos sofrimentos do mundo.⁴⁸ Não há sofrimento no mundo que seja desconhecido por Deus uma vez que ele experimentou os sofrimentos deste mundo (1Pd 5,1). Ele se torna presente de

⁴⁴ Id. *Eucaristia e evangelização* in REB, vol. 40, p 264.

⁴⁵ Id., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. pp. 347-348.

⁴⁶ Id., *Eucaristia e evangelização* in REB, vol. 40, p 265.

⁴⁷ “Por meio do batismo, em nome da Trindade, o Espírito une a Cristo os batizados e os enriquece com os seus dons (...) pelo sacramento da confirmação, que sigila a maturidade da testemunha, pelo sacramento do perdão, que remite os pecados cometidos depois do batismo, pelo sacramento da ordem, que configura Cristo sacerdote e pastor, pelo do matrimônio, que faz de dois o sacramento vivo das núpcias entre Cristo e a Igreja, e pelo sacramento da unção, que sustenta os enfermos e os torna partícipes do valor salvífico do sofrimento do Redentor.” Cf. FORTE, B., *Introdução à fé*. pp. 69-70.

⁴⁸ Cf. FORTE, B.. *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 348.

maneira misteriosa, por meio de seu Espírito nos sofredores de nossa história: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). O Crucificado se faz presente nos sofrimentos dos crucificados da história, sendo solidário com eles, oferecendo-lhes sua força: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). Este Jesus, presente no sofrimento do povo, por sua vez, suscita no coração dos seus discípulos a capacidade de uma vida de serviço e sacrifício em favor dos irmãos e irmãs. O discípulo, que como Cristo vive o seu sofrimento em solidariedade com os outros sofredores, é uma presença de Cristo no mundo, uma vez que, como nos apresenta Bruno Forte, “um sofrimento, vivido em solidariedade com os outros e oferecido por amor, é uma presença real de Cristo na história dos homens”.⁴⁹ Esta presença do Cristo Crucificado presente na história do sofrimento, deve, portanto, ser uma presença de esperança, uma oportunidade para se completar na nossa carne o que falta à paixão de Cristo (cf. Cl 1,24), na certeza, de que, através da Páscoa de Cristo, haveremos de vencer o sofrimento.

Enfim, conforme nos apresenta Bruno Forte, a presença de Cristo se faz atuante hoje na história humana. É preciso reconhecermos esta presença dele em nosso dia-a-dia e aderimos a Ele numa atitude de fé. Aquele que acolhe a presença de Cristo, que nos é contemporâneo mediante o seu Espírito, “torna-se filho no Filho, pregusta a paz da comunhão trinitária, aprende, ainda que na dureza do tempo penúltimo e na fadiga da fé, a amar e a esperar em sintonia com o coração de Deus”,⁵⁰. A presença de Cristo nos enche de esperança, acende em nós a fé e inflama em nossos corações a caridade. Reconhecer a contemporaneidade de Cristo na história é, enfim, valorizar a história, reconhecer a presença e a ação de Deus nela e se empenhar na história humana para que, mediante o Espírito de Cristo que faz novas todas as coisas (Ap 21,5), tudo encontre em Cristo a sua plenitude.

⁴⁹ Ibid., p 348.

⁵⁰ Ibid., pp. 349-350.

4.3

O empenho dos cristãos na história

Professar a fé na contemporaneidade de Cristo é professar a possibilidade de o ser humano, na sua existência atual, se encontrar com Cristo aurindo deste encontro sua motivação de vida. O encontro com Cristo, a experiência cristã, suscita na pessoa que tem este contato pessoal com ele, a ter uma nova postura frente à história. O ser humano se encontra com um Deus, que amando de tal forma a história humana, se revelou através dela. No encontro com o Cristo ressuscitado, percebemos a importância da história humana e somos motivados a também nós darmos importância a nossa história, nos comprometendo com ela assim como fez o próprio Deus que ingressou na história humana para redimi-la e salvá-la.

Neste sentido é que Bruno Forte afirma que a experiência com Cristo não só modifica o plano existencial da pessoa, o seu modo de ver a vida, mas também o plano “existensivo”, o seu colocar-se diante da realidade.⁵¹ Segundo o autor, quem se encontra verdadeiramente com Cristo muda a sua compreensão da história, e mais, se coloca também de um modo diferente frente à mesma. Encontrar-se com Cristo, conforme nos apresenta Bruno Forte, é olhar a história, percebendo nela o encontro entre o êxodo e o advento, o encontro entre o Deus, que se manifesta imensamente interessado pela história humana a ponto de ingressar nela de modo novo e surpreendente, e o ser humano no seu permanente caminhar que é a vida humana, ocorrido uma vez por todas em Jesus Cristo.⁵² Encontro este que subverte o modo de pensar e viver.⁵³ Encontrar-se com Cristo é viver a aventura subversiva de perder a sua vida para ganhá-la (cf. Mt 16,25).

Quem se encontra com Cristo é convidado a fazer a mesma experiência realizada pelos discípulos por ocasião da Páscoa: eles reconheceram o Cristo que se mostrou vivo a eles (cf. At 1,3) e responderam a esta aparição do Senhor com a atitude de fé (cf. Jo 21,7). Este encontro fez com que de fujões da Sexta-feira Santa se tornassem corajosas testemunhas do Senhor Ressuscitado, verdadeiros missionários de Cristo. Assim também acontece com todo aquele que faz a

⁵¹ Cf. Id., *Experiência de Deus em Jesus Cristo*. In Concilium/258. p 72.

⁵² Id., *A Teologia como companhia, memória e profecia*. p. 64

⁵³ Id., *Cristologie del Novecento*. p. 18.

experiência com Cristo, pois “ela transforma realmente a vida daqueles que ela atinge, muda e renova a história, suscita energias imprevisíveis, confere o ímpeto e a paixão de testemunhas”.⁵⁴ Aquele que se encontra com Cristo recebe, através deste encontro, a motivação para ser um verdadeiro missionário no mundo, sendo um instrumento nas mãos de Deus para que mais pessoas possam fazer este encontro subversivo. Bruno Forte mostra-nos, assim, que o Cristo que se manifesta aos seus proporcionando uma experiência que subverte suas vidas, também os orienta, ele mesmo, para a missão: “No encontro com o Ressuscitado nasce e se funda a missão”.⁵⁵ Desta forma, podemos afirmar que a missionariedade, o empenho dos cristãos na história é co-natural à experiência cristã, brota do autêntico encontro com Cristo.⁵⁶ O discípulo de Jesus é simultaneamente missionário.

Ao desenvolver uma reflexão sobre o anúncio de Jesus Cristo hoje, Bruno Forte nos apresenta algo que é de fundamental importância para realização desse anúncio: a situação atual da história.⁵⁷ Ele aponta para a procura de sentido que estamos vivendo após o naufrágio das pretensões totalizantes do século passado suscitadas pela ideologia da “razão adulta”. O teólogo, em meio à época de decadência que estamos vivendo, - a “cultura débil” do imediatismo e relativismo onde tudo se torna frágil levando o ser humano a fugir do esforço e paixão pela verdade - consegue perceber um sinal de luz. Trata-se daquilo que ele chama de a “redescoberta do outro” e a “nostalgia do Totalmente Outro”.⁵⁸ Ele aponta para o crescente espírito de solidariedade que emerge na contemporaneidade manifestada nos mais diversos tipos de voluntariado e serviço missionário. Da mesma forma, apresenta a crescente necessidade da busca de sentido, de horizontes últimos para a história humana evidenciados, sobretudo, na busca de um novo consenso acerca das questões éticas a partir da força do bem “em si” e

⁵⁴ Id. *Experiência de Deus em Jesus Cristo*. In Concilium/258. p 75.

⁵⁵ Id., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 100.

⁵⁶ Esta mesma perspectiva de Bruno Forte podemos ver no Documento de Aparecida onde a missão é fundada no encontro com Cristo de modo que não se apresenta como um peso, uma carga para o cristão, mas como um presente de Deus, uma graça concedida por Ele, que enche o fiel de felicidade: “A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.” (DAP 29)

⁵⁷ FORTE, B., *Anunciar hoje Jesus Cristo, único Salvador*. In Teo comunicação, pp. 751-765.

⁵⁸ Ibid., pp. 756-757.

não mais “dos resultados”, visto o crescente mundo dos excluídos. Trata-se de perceber a presença de Deus atuando na história em meio a suas contradições, convidando o ser humano a se abrir ao advento de Deus na história.

A percepção desta inquietante busca de sentido mostra-se fundamental para o empenho dos cristãos na história, ou seja, trata-se de perceber aquilo que angustia hoje o ser humano para se posicionar adequadamente. Bruno Forte nos lembra que “muitas vezes, a dificuldade da missão deve-se ao fato de respondermos a questões que ninguém põe ou colocarmos questões que não interessam a ninguém”.⁵⁹ O teólogo nos incentiva, com isto, a nos comprometermos com a história a partir das próprias questões que são levantadas por ela, e, baseando-se em Santo Agostinho, nos apresenta que “a pergunta verdadeira que todos trazemos no fundo do nosso coração é na realidade a questão pela infinita dor do mundo, a questão da dor e da morte.”⁶⁰ Assim, apresenta-nos a necessidade de, partindo da dor do mundo, e imbuídos pela esperança proveniente do Senhor Ressuscitado, nos posicionarmos ajudando na superação do sofrimento do mundo.

Em meio à angustiante procura de sentido, manifesta na “redescoberta do outro” e na “nostalgia do Totalmente Outro”, o cristão é chamado a anunciar a pessoa de Jesus Cristo, a anunciar o Deus “Totalmente Dentro, o grande companheiro e o invencível apoio do vigiar e do padecer humano”.⁶¹ É vocacionado a anunciar um Deus que na cruz se mostrou solidário com o sofrimento humano assumindo em si o sofrimento a fim de transformá-lo. Um Deus que não pretende dar soluções mágicas para o sofrimento humano, mas que se coloca como um companheiro, verdadeiramente solidário para com os sofredores assumindo em si as nossas dores, fazendo de sua história uma história de dores. Do encontro com Cristo Crucificado-Ressuscitado brotam a comunhão e a solidariedade com o sofrimento dos homens e mulheres deste mundo e o empenho, pautado na esperança da Ressurreição, de transformar em Cristo a realidade de dor.

⁵⁹ Id., *Deus Pai no amor quer todos salvos em Cristo, o Filho amado* In Teo comunicação, p. 718.

⁶⁰ Ibid., p. 719.

⁶¹ Id., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 39.

No Deus que se fez solidário com a humanidade, fundamentam-se a solidariedade e o empenho dos cristãos:

Se o Deus da Igreja é Totalmente Dentro, a Igreja de Deus deverá estar totalmente dentro da angústia dos desolados, oprimidos e explorados desta terra. Ao mesmo tempo, ela deverá estar totalmente dentro da luta diária pela libertação do homem; ela é uma Igreja em comunhão com a paixão e a esperança dos homens, e a serviço da libertação deles.⁶²

Nesta perspectiva apresentada por Bruno Forte, o empenho dos cristãos na história de sofrimento dos homens e mulheres não é apenas uma opção possível ou não a partir do encontro com Cristo, mas é algo inerente ao ser cristão. Empenhar-se na causa dos sofredores da história é abrir-se ao Deus que assumiu a história humana a fim de salvá-la. Empenhar-se com a história de dor do mundo é a atitude de quem se encontrou com Cristo, que tornou a história humana em história da salvação. Os cristãos desta forma, dentre os diversos grupos religiosos, os grupos em defesa da vida e dos homens e mulheres de boa vontade, são chamados a darem uma contribuição significativa para a história atual, imbuídos do Espírito do Ressuscitado. São chamados a se colocarem na história do mundo com um olhar de esperança, acreditando na presença de Cristo na história e ajudando a transformar a história de morte na de vida.

Os cristãos, a partir da certeza da Ressurreição de Cristo, enxergam o horizonte de esperança e são convidados a desmascararem as falsas realizações humanas e a apresentarem o testemunho da verdadeira realização em Cristo. Neste sentido, compreendemos quando Bruno Forte afirma: “Uma Igreja empenhada no testemunho é a voz do Pai e a voz da verdadeira esperança, é a contestação e crítica de todas as míopes realizações e esperanças do homem”.⁶³ Trata-se de, ao contemplar o evento passado da ressurreição de Jesus que se faz contemporâneo a nós por meio do seu Espírito, abrir-se à realidade futura, possibilitada pela ressurreição do Crucificado, denunciando tudo aquilo que aprisiona o ser humano e apresentar-lhe o verdadeiro caminho de realização que lhe é aberto no Crucificado-Ressuscitado.

Desta forma, o anúncio de Cristo hoje passa necessariamente pelo profetismo. Ser discípulo de Jesus significa romper com toda forma de exclusão, denunciar

⁶² Ibid., pp. 39-40.

⁶³ Ibid., p 40.

tudo aquilo que oprime e escraviza o ser humano hoje, anunciando a vontade salvífica de Deus apresentada em Jesus Cristo. O anúncio do Deus que toma partido do ser humano sofrendo com ele, deve impulsionar para um comprometimento com a causa dos sofredores, ajudando-os a superar suas dores.

A teologia, com isto, (e conseqüentemente a cristologia) necessita ser:

uma teologia profética, que seja uma palavra para o hoje da Igreja e do mundo, uma consciência crítica da história: que seja, portanto, no sentido mais amplo, uma teologia política, uma teologia da libertação, uma teologia que vive na luta. A reflexão da fé cristã sobre Jesus Cristo saberá situar-se no presente e nele representar com fidelidade a novidade e a força crítica da Cruz e Ressurreição.⁶⁴

Ser cristão, com isto, é ser profeta. É comprometer-se com a causa de todos aqueles que sofrem denunciando um sistema de exclusão que, de modo algum, reflete a vontade de Deus. “Cada batizado é chamado a ser alguém atuante na situação histórica em que vive, exercendo o papel crítico-profético, que o confronto entre a palavra da fé e o presente suscita nele”.⁶⁵ Fazer a experiência com o Crucificado-Ressuscitado é ajudar hoje a descer da cruz milhares de pessoas que estão sofrendo com um sistema excludente ajudá-los a recuperar a dignidade de vida da qual Jesus é missionário: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Bruno Forte, neste sentido, afirma: “O encontro com Jesus Cristo revela o sentido profundo da vida e nos faz perceber chamados por Deus e por isso comprometidos em uma caminhada ativa de salvação na qual a glorificação de Deus e a promoção do homem vão no mesmo passo.”⁶⁶ O amor a Deus, neste sentido, passa necessariamente pela via do próximo. “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar. E este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus ame também o seu irmão” (1Jo 4,21-22). O encontro com Jesus nos faz ser amantes de Deus e dos irmãos. O ser humano que se encontrou com Cristo traz no seu diálogo com o Pai, realizado na oração a angústia dos sofredores, o desejo de justiça dos oprimidos e a intercessão em favor dos últimos. Na sua oração evoca as situações humanas e recebe as forças necessárias para se colocar no

⁶⁴ Ibid., p 41.

⁶⁵ Id., *A missão dos leigos*. p. 64.

⁶⁶ Id., *Cristologie del Novecento*. p. 55.

mesmo caminho percorrido por Jesus, que se posicionou ao lado dos oprimidos e humilhados.

O profetismo exigirá dos cristãos uma vivência da liberdade, ou seja, que não se deixem ser guiados pelos “grandes” e “poderosos” deste mundo, mas que, com uma liberdade crítica, realizem uma

opção a favor dos pobres, análoga à que foi feita por Jesus de Nazaré: onde existem marginalizados e oprimidos, ali a Igreja deve antes de tudo saber reconhecer o seu lugar, para compartilhar, para denunciar através de uma obra de conscientização dos pobres a iniquidade presente, para anunciar, por obras e palavras, o advento do Reino. Igreja livre quer dizer então Igreja dos pobres: comunidade que, embora sentindo-se chamada a levar a todos a graça do evangelho, faz uma opção preferencial a favor dos últimos, porque sabe que somente assim ela mesma se deixará evangelizar e poderá evangelizar de maneira crível o mundo.⁶⁷

Ao focar a presença dos cristãos na história ao lado dos pobres, Bruno Forte nos faz reportar a opção preferencial pelos pobres realizada em Medellín e Puebla e reafirmada nas Conferências Latino-americanas posteriores. Trata-se de uma opção profética que questiona a própria Igreja incentivando-a a uma conversão permanente para que ela, cada vez mais, possa se identificar com o Cristo pobre e com os pobres (DP 904). Somente nesta identificação com Cristo que dedicou a sua vida ao anúncio da boa-nova aos pobres (Lc 4,18) é que a Igreja se deixa evangelizar, moldando-se ao seu fundador, e ao mesmo tempo adquire credibilidade no mundo para anunciar o Cristo, que sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Somente uma Igreja radicada na vida de Jesus que viveu plenamente a liberdade, livre de qualquer poder deste mundo, vivendo como ele, poderá denunciar com coragem e firmeza os injustos sistemas que oprimem os seres humanos.

Os cristãos, compartilhando da vida dos pobres, não terão soluções mágicas a propor, mas deverão, à semelhança do seu Senhor, se colocar ao lado deles em solidariedade, sofrendo com eles, sendo missionários da esperança; e tendo consciência que “o seu lugar de pobres entre os pobres, vivido na fé, na esperança e no amor, pode tornar-se um apelo, tanto mais inexorável quanto mais arriscado e fiel, à libertação da injustiça e do pecado pessoal e social.”⁶⁸ Trata-se de uma presença solidária pois se coloca ao lado daqueles que estão desprovidos de sua

⁶⁷ FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 273.

⁶⁸ Id., p 273.

dignidade, dando-lhes esperança, mas, ao mesmo tempo, é uma presença profética, que questiona aqueles que retêm os bens em suas mãos para que se abram à graça de Deus colaborando para que todos tenham uma vida digna. O profetismo exige, desta forma, uma Igreja livre dos poderes deste mundo, que se coloque ao lado dos pobres compartilhando com eles a esperança de um mundo novo que ela sabe que se realizará em Cristo Jesus. Sua esperança não provém de um determinado tempo histórico ou situação econômica, mas, antes, está na ressurreição de Cristo.

Ela será necessariamente uma Igreja “que toma partido”: não no sentido do interesse dos grandes e poderosos deste mundo, e de seus alinhamentos, mas precisamente no sentido de ficar ao lado dos fracos, ela mesma fraca e pobre, mas confiante na única força que lhe é possível transmitir, a força do Senhor crucificado e ressuscitado.⁶⁹

A presença dos cristãos no mundo dos pobres deve ser, desta forma, uma partilha da esperança que vem do “sim” dado pelo Pai na ressurreição do Filho. Isto significa fortalecer a esperança em Deus que, em Jesus, conhece o sofrimento humano e se coloca ao lado dos sofredores, anunciando-lhes o Reino vindouro. Significa confiar na força subversiva da Páscoa esperando que as todas as situações de morte deste mundo também sejam transformadas, ou seja, acreditar no Espírito de Cristo presente na história, conduzindo-a a sua consumação final em Deus. Trata-se de anunciar o Cristo que veio trazer a libertação verdadeira a todos os sofrimentos do ser humano, exortando àqueles que colocam sua esperança nas organizações deste mundo que

a emancipação do homem moderno – como processo de libertação produzido só pelas forças mundanas – não cessará de produzir totalitarismos e manipulações de toda espécie, se não souber abrir-se à libertação que foi oferecida em Jesus Cristo à história.⁷⁰

Desta forma, podemos perceber, a partir da reflexão de Bruno Forte, que, os cristãos, ao se colocarem ao lado dos pobres, são para eles uma presença de esperança ao mesmo tempo em que contestam as míopes presunções do mundo emancipado e mostram que a libertação verdadeira deste mundo não provém de reflexões abstratas ou de sistemas econômicos e políticos que não abrem espaço

⁶⁹ FORTE, B., *A missão dos leigos*. pp. 13-14

⁷⁰ Id., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 274.

para Deus. Essa libertação é, antes, é dom de Deus, dado na cruz de Jesus, que deve ser acolhido pelo ser humano e vivido no amor livre aos irmãos e irmãs. Apostar na verdadeira libertação e promoção do ser humano é se abrir para o amor de Deus revelado em Jesus Cristo, deixando-se amar por ele para assim amar verdadeiramente aos irmãos. O amor de Deus, revelado na cruz de Jesus, mostra o imenso amor de Deus pelo ser humano que supera qualquer projeto deste mundo. Este amor envolvente é, ao mesmo tempo, convidativo a novas experiências, pois é um amor que nos impele a olhar aqueles que estão a nossa volta, e partilharmos de sua história sendo na vida deles uma presença amorosa de Deus.

Conforme nos apresenta Bruno Forte, hoje, numa época de pós-modernidade, em que a solidão e a renúncia de amar se tornam bem presentes, os discípulos de Jesus, daquele que revelou na cruz o seu imenso amor pela história humana, devem se fazer “servos por amor”. Trata-se de fazer o “êxodo de si” em direção ao outro, especialmente daqueles mais fracos e pobres, participando de sua história de sofrimento e lágrimas, assim como o fez o próprio Jesus.⁷¹ Os discípulos do Senhor Crucificado são aqueles que “se esforçam por sair de si mesmos e entrar no caminho doloroso do amor: uma comunidade de pobres a serviço dos pobres, capaz de refutar com a vida os sábios e poderosos desta terra”.⁷² Ser cristão significa, desta forma, assumir, com Cristo, a história de cruz e sofrimento do povo, buscando eliminar as iníquas cruzes dos oprimidos. “A compaixão para com o Crucificado traduz-se na compaixão laboriosa para com os membros do seu corpo na história.”⁷³ Celebrar hoje a salvação realizada na cruz de Jesus por toda a humanidade é comprometer-se com a cruz de todos os sofredores deste mundo. É impedir que se levantem outras cruzes na história.

O povo que celebra autenticamente a eucaristia é também o povo que se sente inexoravelmente chamado a quebrar as cadeias da iniquidade, a compartilhar o compromisso de libertação, a realizar com obras a fraternidade dos homens diante da única paternidade do Deus de Jesus Cristo.⁷⁴

Desta forma, concluímos que, seja a cristologia - reflexão sobre a história de Jesus na qual a do mundo ganhou sentido, seja a eucaristia - celebração da salvação em Jesus Cristo, pela qual nos encontramos de forma especial com o

⁷¹ Cf. Id., *A essência do cristianismo*. p 112.

⁷² Id., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. p 299.

⁷³ Ibid., p 301.

⁷⁴ Ibid., p 239.

Senhor ressuscitado hoje, ambas devem nos levar a um real comprometimento para a história humana marcada pelo sofrimento. História assumida e redimida pelo Cristo que a amou e por ela se entregou. Com isso, entendemos que unido ao anúncio da pessoa de Jesus, unido a toda reflexão cristológica, deve estar o testemunho de amor e serviço da parte dos cristãos.

E, como Bruno Forte nos ensina, temos presente que

aos discípulos do Crucificado se faz necessária a audácia de gestos significativos e inequívocos de caridade no seguimento daquele que foi abandonado na morte por nós, gestos que deem credibilidade ao anúncio da palavra e o encham da profundidade do divino silêncio daquele que é o Amor fontal.⁷⁵

Concluindo este capítulo, vemos que a reflexão da história na cristologia levamos a descobrir na história de Jesus Cristo o sentido de nossa história. O início surge como manifestação da bondade de Deus que cria mediante o Filho, protótipo da humanidade chamada a acolher o amor do Pai. O fim é deslumbrado na comunhão plena e definitiva com Cristo – Senhor dos tempos futuros - da qual toda pessoa humana é chamada a participar. O nosso presente aparece como oportunidade do encontro com Cristo na história, realizada por meio de seu Espírito. Neste encontro, cada um é convidado a acolher a salvação que ele realizou para todos. O encontro com Cristo, por sua vez, suscita a dar a devida importância à história humana na qual deslumbramos o comprometimento do próprio Deus e assumir uma nova postura frente a história. Em Cristo, somos convidados a ser uma presença de esperança junto aos sofredores, uma presença que anima os sofredores e que conclama à conversão dos sistemas injustos.

⁷⁵ Id., *A essência do cristianismo*. p. 113.